

LÍNGUA, IDENTIDADE E CULTURA: ASPECTOS SEMÂNTICOS DA TOPONÍMIA PARKATÊJÊ (TIMBIRA)

LANGUAGE, IDENTITY AND CULTURE: SEMANTIC ASPECTS OF PARKATÊJÊ (TIMBIRA) TOPONYMY

Tereza Tayná Coutinho Lopes¹
Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira²

Resumo: Este artigo objetiva apresentar aspectos semânticos observados na análise de topônimos da língua indígena *Parkatêjê*. A língua *Parkatêjê* é falada por remanescentes dos grupos étnicos timbira, *Rôhokatêjê*, *Akrâtikatêjê* e *Kyjkatêjê* que vivem em aldeias na Terra Indígena Mãe Maria, às proximidades do município de Marabá (PA). O conteúdo semântico dos topônimos analisados revela informações sobre a concepção de mundo do homem/grupo indígena, relacionando o linguístico e o cultural a partir de traços de sua história, paisagem, valores, memórias, entre outros aspectos. Nesse sentido, tal conhecimento linguístico precisa ser preservado, diante da situação de obsolescência por que passa a língua *Parkatêjê*.

Palavras-chave: aspectos semânticos; topônimos; língua *Parkatêjê*; Amazônia.

Abstract: This article aims to present semantic aspects observed in the *Parkatêjê*'s toponyms analysis. The *Parkatêjê* language is spoken by remnants of the Timbira, *Rôhokatêjê*, *Akrâtikatêjê* and *Kyjkatêjê* ethnic groups who live in villages in the Mãe Maria Indigenous Land, near to the Marabá (PA) city. The semantic content of the analyzed toponyms reveals information about the indigenous man/group's conception of the world, relating the linguistic and cultural aspects based on their history traits, landscape, values, memories, among other aspects. In this sense, such linguistic knowledge needs to be preserved, given the situation of obsolescence that the *Parkatêjê* language is facing.

Keywords: semantic aspects; toponyms; *Parkatêjê* language; Amazon.

Introdução

A Toponímia é a área da Onomástica que se ocupa integralmente do estudo dos nomes próprios de lugares, investigando os aspectos “[...] geo-históricos, sócio-econômicos e antropo-

¹ Doutora em Letras – Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) – Campus Tucuruí. E-mail: tereza.lobes@ifpa.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5466-9445>.

² Doutora em Linguística (UNICAMP). Docente Titular do Instituto de Letras e Comunicação (ILC), vinculada à Faculdade de Letras (FALE) e ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará. Bolsista de Produtividade em pesquisa 1D do CNPq. E-mail: mariliaferreira1@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9995-1938>.

linguísticos que permitiram e permitem que um nome de lugar se origine e subsista” (Salazar-Quijada, 1985, p. 18. Tradução nossa)³.

Os estudos toponímicos dialogam com os mais variados campos do conhecimento humano e entre as áreas de seu escopo está a Semântica, que recebe especial atenção por relacionar-se ao estudo do significado das palavras, sendo imprescindível na análise dos nomes próprios de lugares.

Para Andrade (2006), entre as particularidades da Toponímia estão a busca pela etimologia, o caráter semântico da palavra e suas transformações linguísticas, sejam elas fonético-fonológicas, morfológicas etc.

Nesse sentido, o presente artigo apresenta considerações teóricas sobre os fenômenos semânticos observados na investigação de topônimos da língua *Parkatêjê*, falada por membros dos grupos étnicos *Parkatêjê*, *Kyikatêjê* e *Akrãtikatêjê*, que habitam atualmente a área denominada Terra Indígena Mãe Maria (TIMM), no sudeste do estado do Pará (BR).

Segundo Sousa (2019), o estudo dos topônimos permite verificar a organização de uma região, conforme as condições ambientais e sociais se refletem na língua. Assim, o acervo toponímico dos grupos indígenas *Parkatêjê*, *Kyikatêjê* e *Akrãtikatêjê*, com toda sua riqueza linguística, histórica e cultural, se constituiu um importante objeto de estudo.

Além disso, no que diz respeito ao diversificado panorama da Onomástica brasileira, ainda é considerado bastante reduzido o número de estudos que investigam questões relacionadas aos diversos aspectos da Onomástica das línguas indígenas ainda faladas no país, entre os quais está a Toponímia indígena.

Cabe ressaltar que as reflexões apresentadas nas próximas páginas são oriundas de resultados de pesquisas mais amplas, desenvolvidas pelas autoras sobre diferentes aspectos da Onomástica *Parkatêjê*, ao longo de anos de pesquisa com os falantes da língua. Dentre as referidas pesquisas, a tese de Lopes (2022) baseia o recorte apresentado no artigo em tela de maneira especial. O trabalho teve como principal objetivo a realização de um estudo sobre os aspectos morfosintáticos, semânticos e motivacionais que atuam na formação dos topônimos da língua *Parkatêjê*.

³ “[...] geo-históricos, sócio-econômicos y antro-po-linguísticos, que se permitieron y permiten que un nombre de lugar se origine y subsista” (Salazar-Quijada, 1985, p. 18).

Nesse sentido, a pesquisa supracitada, em diálogo com reflexões posteriores sobre os aspectos semânticos e culturais observados nos nomes de lugares em *Parkatêjê*, originaram o texto ora apresentado que está dividido em três seções, além desta introdução e considerações finais: a primeira seção apresenta informações relevantes sobre a língua *Parkatêjê* e seus falantes; a segunda seção descreve resumidamente a metodologia empregada na pesquisa; em seguida, a seção três discute os principais aspectos semânticos observados na análise dos nomes próprios toponímicos em *Parkatêjê*; por fim, são feitas as considerações finais.

1 A língua *Parkatêjê* e seus falantes

A língua *Parkatêjê* pertence ao chamado Complexo Dialectal Timbira, sendo parte da família Jê e do tronco linguístico Macro-Jê, conforme Rodrigues (1986). Além do *Parkatêjê*, o referido complexo dialectal abarca línguas como o *Canela-Krahô*, *Canela-Apaniêkra*, *Gavião-Pykobjê*, *Krinkati*, *Krejê* entre outras línguas que compartilham semelhanças entre si.

Até meados dos anos 2000, o povo *Parkatêjê* estava constituído por remanescentes dos grupos étnicos timbira, *Rôhokatêjê*, *Akrâtikatêjê* e *Kyjkatêjê*, que juntos passaram a se autodenominar Comunidade Indígena *Parkatêjê*, como forma de destacar os objetivos de fortalecimento grupal.

Os grupos étnicos acima mencionados apresentam línguas e culturas praticamente idênticas, favorecendo o empenho da comunidade em manter vivas as suas tradições com a realização de cerimônias tradicionais de longa duração, o uso do sistema de nominação na língua, realização de rituais, corridas com toras, jogos de flechas, entre outras atividades tradicionais, que estavam ameaçadas diante das agressivas circunstâncias do contato com a sociedade envolvente.

Por questões internas, atualmente os membros da então Comunidade Indígena *Parkatêjê* estão divididos em várias aldeias ao longo da Terra Indígena Mãe Maria e se denominam politicamente como povos diferentes oriundos dos grupos *Akrâtikatêjê*, *Kyikatêjê*, *Parkatêjê* (*Rôhokatêjê*). Tal fato tem resultado em um intenso processo de reestruturação geográfica da reserva indígena, além de rememorar o histórico de cisões ao longo da trajetória dos *Parkatêjê* e verificado na literatura sobre o tema⁴.

A dinâmica de reorganização territorial apresentada acima revela um cenário de reivindicação por autonomia que marca posições de origem, identidade, memória e controle

⁴ Para mais informações sobre a história *Parkatêjê*, conferir Nimuendajú (1946, 1993), Ferraz (1998), Jõpaipare (2011), entre outros textos.

territorial entre os indígenas. Tais fatores aparecem refletidos na criação toponímica, no que diz respeito à nomeação de novas comunidades ao longo da Terra Indígena Mãe Maria. Citando Andrade (2017, p. 150) “os nomes de lugares não estão à sombra ou desvinculados aos contextos sociais, políticos, geográfico, ambientais e culturais dos grupos, eles refletem e retratam a natureza das comunidades em sua totalidade”.

Nesse sentido, corrobora-se a necessidade de estudos que registrem e reflitam sobre a Toponímia indígena, enquanto um patrimônio linguístico, histórico e cultural dos grupos em questão, bem como os reflexos ideológicos e identitários em jogo.

2 Procedimentos metodológicos

O escopo metodológico utilizado para a realização da pesquisa seguiu conforme o habitual em trabalhos na perspectiva toponímica, porém respeitando as especificidades da pesquisa com grupos indígenas. A partir da combinação da leitura documental e da pesquisa de campo, o estudo foi desenvolvido vinculado aos parâmetros etnolinguísticos que remetem ao reconhecimento de aspectos históricos e socioculturais envolvidos na toponímia de comunidades tradicionais em contexto real de utilização.

Nesse sentido, serão elencados a seguir as principais etapas realizadas:

- (i) Levantamento bibliográfico sobre a temática do trabalho;
- (ii) Leitura e análise crítica das referências bibliográficas levantadas;
- (iii) Trabalho de campo: a pesquisa de campo foi realizada em aldeias localizadas no interior da área onde está situada a Terra Indígena Mãe Maria. Nesta etapa foi traçado o perfil dos colaboradores do estudo, bem como procedeu-se a constituição do *corpus* de análise por meio da coleta de dados com falantes com falantes bilíngues, *Parkatêjê* e Português, e grandes conhecedores da região onde vivem. Os dados foram coletados por meio de entrevistas e arquivados em áudio, vídeo, caderno de campo e banco de dados digital. O corpus foi dividido, conforme a metodologia dos estudos toponímicos, em dois grandes grupos: elementos geográficos físicos – ‘rios/igarapés/córrego’ – e elementos geográficos humanos – subdivididos em ‘aldeias velhas’⁵, ‘aldeias novas’, ‘caminhos’, ‘acampamentos’ e ‘cidades’. Vale ressaltar que, por se tratar de um trabalho com uma língua em perigo

⁵ Alguns dos subgrupos toponímicos foram definidos com base na visão dos colaboradores, por exemplo, a distinção “aldeia velha” e “aldeia nova”. A primeira ocorre em referência a aldeias que não mais existem atualmente e somente permanecem na memória dos anciãos indígenas, enquanto a segunda se refere a aldeias existentes no atual território ocupado.

de extinção e poucos colaboradores de pesquisa falantes *Parkatêjê*, a coleta de dados não foi realizada por meio de narrativas na língua tradicional. Além disso, em narrativas coletadas por pesquisadores, que trabalharam com o povo *Parkatêjê* em outros momentos, como Ferreira (2003), não havia informações sobre a toponímia indígena. Nesse sentido, na coleta de dados foi possível registrar a toponímia tradicional e coletar, por meio de elicitación em Língua Portuguesa, relatos sobre a toponímia da reserva, bem como da história dos locais por onde os indígenas viveram antes de chegar ao território atual, confirmando nomes de aldeias antigas.

- (iv) Catalogação dos dados: a catalogação dos dados obtidos na pesquisa de campo foi realizada em fichas lexicográfico-toponímicas, desenvolvidas a partir das bases metodológicas do Projeto ATB – Atlas Toponímico do Brasil – e do Projeto ATESP – Atlas Toponímico de São Paulo, ambos coordenados pela Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. Uma vez que o presente estudo analisa topônimos na língua tradicional *Parkatêjê*, isto é, topônimos que, em sua maioria, não estão registrados em mapas oficiais por constituírem um patrimônio linguístico e cultural de grupos minoritários, a ficha lexicográfico-toponímica de Dick (2004) foi adaptada para a realidade da pesquisa. Dessa forma, o modelo de ficha lexicográfico-toponímica utilizado comporta os campos a) topônimo indígena; b) glosa; c) correspondência em Língua Portuguesa; d) localização; e) elemento geográfico; f) estrutura gramatical; g) nota discursiva; h) motivação; i) taxionomia; j) nota antropológica; k) local e data da coleta; l) coordenadas geográficas; m) pesquisador(a); n) colaborador(a); o) revisor(a).
- (v) Análise semântica do *corpus* de pesquisa e discussão dos resultados obtidos.

3 Nomes próprios toponímicos em *Parkatêjê*: aspectos semânticos

Com a aplicação das fichas lexicográfico-toponímicas foi realizado um levantamento dos principais aspectos semânticos envolvidos no ato da nomeação do espaço pelos indígenas.

A motivação semântica é uma característica básica do signo toponímico, de modo que os nomes próprios de lugares revelam informações intrinsecamente ligadas aos aspectos físico-geográficos ou sócio-histórico-culturais envolvidos no ato de nomeação dos diferentes tipos de elementos geográficos.

Andrade (2017) afirma que os nomes de lugares expressam claramente relações entre o homem e o espaço geográfico, de modo que no ato de nomear se estabelecem vínculos sociais

e culturais, diretamente relacionados à ocupação, posse e conhecimento do local ou área nomeada.

Nos dados toponímicos coletados com os falantes dos grupos indígenas *Parkatêjê*, *Kyikatêjê* e *Akrãtikatêjê*, foi possível observar a predominância de topônimos que, do ponto de vista do significado, expressam diversos aspectos relacionados ao contexto físico, histórico e cultural dos grupos, seja no tempo passado, por meio da memória dos nomes tradicionais dos lugares por onde viveram, ou no tempo presente, com base nos designativos geográficos observados na terra indígena em que vivem atualmente. Desse modo, os falantes demonstram muito de sua visão de mundo por meio da percepção do espaço geográfico que atualmente compartilham.

Nesse sentido, Ferrarezi Jr. (2019) afirma que

enquanto sinais utilizados para identificar cada um dos elementos de cada cultura, os nomes podem influenciar nossa forma de pensar o referente. As palavras nominais de uma língua atuam sobre a configuração que fazemos de nosso mundo, sobre a nossa visão dos elementos que o constituem [...] (Ferrarezi Jr., 2019, p. 113).

Isso significa que no ato da nomeação dos lugares, os parkatêjê, de modo geral, selecionam formas linguísticas que fazem referência, direta ou indireta, a algum aspecto marcante do seu ambiente, cultura ou história. Tal referência pode ser realizada tanto por meio de um aspecto físico/material, quanto por um acontecimento marcante no referido espaço. Dessa forma, o significado básico dos topônimos em análise faz referência a coisas e fatos do universo dos grupos indígenas estudados.

Na análise do *corpus*, é possível observar a predominância de topônimos que destacam os fatores de nomeação de forma direta, de modo que é possível, por meio da análise da estrutura linguística, indicar a sua classificação taxionômica. No entanto, as informações coletadas por meio das notas discursivas e antropológicas fornecem especiais contribuições para o entendimento do contexto da nomeação, fatos da história dos grupos, e da visão de mundo dos sujeitos. Tais informações só puderam ser obtidas por meio de entrevistas com os anciões das comunidades, uma vez que as gerações mais jovens já não falam a língua tradicional de seu povo.

O fato acima mencionado favorece um cenário de iminente mudança semântica dos nomes de lugares em *Parkatêjê* e em suas variedades linguísticas, uma vez que os indígenas não falantes possivelmente não mais consigam explicar as origens e significados dos topônimos tradicionais de seus grupos.

Nesse sentido, Meillet (*apud* Ullmann, 1964, p. 402-409) enumera os fatores que favorecem a mudança semântica. São eles:

a) A língua se transmite de um modo descontínuo de uma geração para a outra; b) A imprecisão do significado que envolve a natureza genérica das palavras, a multiplicidade dos seus aspectos, a falta de familiaridade e a ausência de fronteiras bem definidas; c) A perda da motivação; d) A existência da polissemia que introduz na língua um elemento de flexibilidade; e) Os contextos ambíguos; f) A estrutura vocabular, uma vez que o sistema fonológico e gramatical são fechados e limitados, enquanto o vocabulário constitui uma classe aberta de infinitas possibilidades.

No caso dos topônimos tradicionais dos grupos estudados, entre os aspectos enumerados acima, os fatores a, b e c dialogam de maneira especial com a realidade da língua *Parkatêjê*, uma vez que estão envolvidos com o processo de perda da motivação semântica observado na nomeação do espaço indígena.

Na análise da motivação semântica dos dados toponímicos coletados foi possível observar os mecanismos de descrição do espaço geográfico utilizados de forma transparente, isto é, a partir do que pode ser diretamente observado pelo contato imediato do observador. De acordo com Dick (1990), a referida descrição pode ser interpretada de duas formas: (i) de modo objetivo, em que se destacam elementos físicos diversos, por exemplo, escala cromática, posição geográfica, formas topográficas, geométricas, entre outros; (ii) de modo subjetivo, que envolve elementos humanos, isto é, aspectos atribuídos pelo ponto de vista particular do denominador, por exemplo, adjetivos como feio, belo, alegre, entre outros.

Os topônimos considerados objetivos são chamados descritivos puros, enquanto os considerados subjetivos são denominados descritivos associativos por revelarem aspectos relacionados ao estado anímico do observador.

As considerações de Stewart (1954) para a análise dos topônimos em *Parkatêjê* são pertinentes. Ele divide os nomes descritivos em três grupos: descritivos puros, associativos e relativos.

Os descritivos puros são aqueles que especificam uma qualidade genuinamente conectada e inalienável do lugar nomeado (Exemplos: *Long Island* ‘Ilha comprida’, *Crescent Lake* ‘Lago crescente’). A seguir são apresentados casos de topônimos *Parkatêjê* analisados como descritivos puros:

(1) **Krijõhere**

KRĪ JÕHÊRE
ALDEIA SER REDONDO
'Aldeia redonda'

'*Krĩjõhere*' é o topônimo registrado para uma das 'aldeias velhas' do grupo *parkatêjê*. A relação com a forma geométrica observada na constituição da aldeia foi enfatizada no ato da nomeação do lugar.

(2) **Kôjakati**

KÔ JAKATI
ÁGUA BRANCO/CLARO

'água branca'

'*Kôjakati*' é o topônimo referente a uma das 'aldeias velhas' onde viveu o grupo *Kyikatêjê*. Na explicação da colaboradora o nome se dá "[...] *porque lá a água é alvinha, onde no antigo nós morava lá [...]. Garapezinho que passa. Nós banhava assim na água limpinha, que a água era alvinha. Nós gosta de banhar né? Sempre criança gosta de banhar no igarapé. Aí nossa mãe brigava pra ter cuidado com o bicho né? Sempre a mãe briga [...]*".

Os dados toponímicos coletados que apresentam uma configuração semelhante aos dados acima, apresentam do ponto de vista semântico, uma formação de base denotativa, em que se destacam características inerentes aos locais nomeados.

Já os descritivos associativos são aqueles que especificam uma característica apenas levemente conectada com o lugar nomeado, de forma a descrever não exatamente o local em si, mas identificá-lo por meio de algo associado a ele (Exemplos: *Pine Creek*, com base em pinheiros que crescem próximos ao riacho, *Mill Creek*, com base em um moinho construído próximo ao riacho). Em *Parkatêjê* temos casos como:

(3) **Pamrexà**

PAMRE XÀ
SEMENTE INST⁶
DO MARACÁ

'Semente que se usa no maracá'

O Topônimo '*Pamrexà*' nomeia uma 'aldeia velha' do grupo *Parkatêjê*. O nome faz referência à presença da planta cuja semente é utilizada na confecção de maracás. Conforme o colaborador: "*Pamrexà, aldeia, nome da aldeia. [...] Ali na Cabeceira do Moju, Pamrexà. Só*

⁶ Sufixo nominalizador instrumental.

porque tem ramo de aquele que tem o caroço pra fazer maracá, tinha muito aí chama Pamrexà. Até a gente comia a batata dela”.

(4) **Xêxêterejôkô**

XÊXÊTÊRE JÔ KÔ
ARRAIA POSSE ÁGUA

‘Água da arraia’

‘Xêxêterejôkô’ nomeia um acampamento de caça do grupo *parkatêjê* e remete a forte presença de arraias no igarapé próximo ao acampamento. No relato do colaborador tal fato é evidenciado: “*Quando nós acampamos assim. Aonde? Lá no Xêxêterejôkô. Ficava na beira, assim como aqui no Jacundá. Nós fala assim ‘lá no Xêxêterejôko. Porque tem muito xêxêtere, aí classifica o nome [...]. Porque tem muita arraia’.*”

(5) **Pàrkapêti**

‘Samaumeira’

O topônimo ‘Pàrkapêti’ nomeia uma ‘aldeia velha’ *parkatêjê* e registra a presença de uma samaumeira no local onde a aldeia foi criada: “*Pàrkapêti, desmatou né? Aí fizeram a aldeia no lugar, no lugar do pàrkapêti, que tinha a árvore [...]. Samaúma no kupê [...]. Nós usa pra correr tora [...]. Por exemplo, se nós planta as coisas aqui, nós mata. Assim, eu falar até do kupê⁷. Parece que kupê bota as coisas que usa, que usou né? [...] Então assim, nós põe também. Onde que tem a árvore a gente põe”.*

O relato do colaborador demonstra a visão de mundo do indígena ao refletir sobre um dos mecanismos de nomeação utilizado pelo seu grupo, evidenciando a intrínseca relação em língua e cultura.

Os topônimos considerados descritivos associativos são os mais frequentes na toponímia em *Parkatêjê* e remetem ao contexto imediato de percepção do ambiente pelo indígena, de modo a fazer referência/associação, principalmente, a elementos da natureza presentes nos locais nomeados etc.

Tal fato pode ser explicado, a partir da perspectiva etnolinguística, na interação entre as formas mentais de tradição do homem e as condições materiais do ambiente que o cerca. (Malinowsky, 1986 *apud* Dick, 2002-2003). Desse modo, os nomes geográficos refletem

⁷ Palavra em *Parkatêjê* para ‘não-indígena’.

aspectos da vida do homem indígena, demonstrando a importância dos elementos do seu ambiente e a experiência da comunidade.

Há ainda um terceiro grupo denominado descritivos relativos – especificam o relacionamento comparativo do lugar com outra coisa (Exemplos: *North River*, *South Island*, relacionando o lugar com um ponto cardeal).

A seguir, discute-se relações metafóricas e metonímicas observadas no *corpus* de análise:

3.1. Metáfora e metonímia na toponímia *Parkatêjê*: algumas reflexões

Existem palavras que demonstram sentidos figurativos, entre as quais estão as formadas por meio de metáforas e metonímias.

Segundo Ullmann (1964, p. 442), a estrutura básica da metáfora é simples e apresenta dois termos presentes: “a coisa de que falamos e aquilo com que a estamos a comparar”. O significado de um termo se altera a partir dessa relação de comparação com o outro termo.

Partindo de uma perspectiva cognitivista de metáfora, Lakoff e Johnson (1980) afirmam se tratar de um termo que, para a maioria das pessoas, representa um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico: “mais uma questão de linguagem extraordinária do que de linguagem comum”⁸ (Lakoff; Johnson, 1980, p.03, tradução nossa).

Entretanto, a abordagem dos autores supracitados indica que a metáfora não deve ser entendida apenas como uma figura de retórica responsável apenas pelos ornamentos da linguagem. Lakoff e Johnson (1980) propõem um novo ponto de vista, no qual a metáfora deve ser compreendida como infiltrada na vida cotidiana, de modo a permear nossos pensamentos e ações, sem se limitar apenas ao que diz respeito à linguagem. Para eles, a metáfora nos permite interpretar conceitos abstratos em termos de conceitos que nos são familiares e de experiências cognitivas cotidianas. Nas palavras dos autores: “Nosso sistema conceitual comum, em termos dos quais pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”⁹ (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 03, tradução nossa). Desse modo, para eles, o homem usa metáforas na comunicação cotidiana porque o sistema conceitual humano é em grande parte estruturado de forma metafórica. Ressalte-se que existe uma intrínseca relação entre metáfora e cultura. Para

⁸ “a matter of extraordinary rather than ordinary language” (Lakoff; Johnson, 1980, p.03).

⁹ “Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature” (Lakoff; Johnson, 1980, p. 03).

Lakoff e Johnson (1980) “os valores fundamentais de uma cultura serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos fundamentais dessa cultura¹⁰” (Lakoff; Johnson, 1980, p. 22, tradução nossa).

Tal concepção colabora para demonstrar a influência da metáfora para a compreensão do mundo e diferentes culturas, uma vez que a produção de metáforas ocorre baseada na percepção humana das formas, dimensões, espaços, movimentos etc. experienciados pelo homem no ambiente físico e cultural em que vive.

Nesse sentido, Lima, Gibbs Jr e Françaço (2001) definem metáforas como:

As metáforas presentes na língua são uma manifestação da maneira como entendemos e conceitualizamos determinados conceitos. Trata-se de uma operação cognitiva, na qual empregamos um domínio experiencial mais concreto, estreitamente ligado à experiência com nosso próprio corpo e o mundo em que vivemos, para compreender/conceitualizar um domínio mais abstrato, cuja natureza da experiência humana não permite uma representação direta (Lima; Gibbs; Françaço, 2001, p. 108).

Para Ferrarezi Jr. (2012) a metáfora apresenta uma propriedade estruturante em relação à organização cultural do mundo. Isso significa que a metáfora está relacionada à maneira como o mundo é visto e interpretado pelos falantes de uma determinada língua. Segundo o autor, uma construção metafórica só pode ser definida como tal, dentro de uma determinada cultura, uma vez que as classificações semânticas naturais serão diferentes de cultura para cultura.

Segundo Ferrarezi Jr. (2012), ao contrário do que se imagina, a metáfora, na maioria das línguas, não se constitui obrigatoriamente como uma construção lexicalmente complexa, multivocabular ou com algum tratamento estético de tipo poético. O que se observa é que grande parte das metáforas presentes em uma língua se concretiza por meio de palavras de uso diário, por exemplo, nomes de objetos da cultura material utilizados no dia a dia, nomes próprios de pessoas e lugares ou nomes na forma de alcunha. Tal posicionamento converge com a abordagem defendida por Lakoff e Johnson (1980).

Ferrarezi Jr. (2010) descreve um tipo específico de metáfora que ele denomina de *funcional*. Essa noção é utilizada quando uma metáfora de nomeação exerce uma função clara de registro cultural. Dessa forma, metáfora funcional é definida como:

uma construção figurativa na qual a palavra metaforicamente construída apresenta uma clara função de depósito cultural, uma função de registro de algum tipo de

¹⁰ “The most fundamental values in a culture will be coherent with the metaphorical structure of the most fundamental concepts in the culture” (Lakoff; Johnson, 1980, p. 22).

conhecimento resultante das experiências vivenciais dessa mesma comunidade que atribuiu esse nome metafórico a um referente (Ferrarezi Jr., 2010, p. 198).

A noção de “metáfora funcional” passa a ser utilizada em construções com função muito mais específicas de formação e perpetuação de uma determinada cultura. Dessa forma, tais construções carregam importantes conhecimentos histórico-culturais que precisam ser preservados (Ferrarezi Jr., 2012).

No que diz respeito à noção de metonímia é possível afirmar que, os estudos clássicos, de modo geral, não dão a mesma importância dedicada à metáfora, à metonímia. Na visão de Ullmann (1964, p. 454) a metonímia é intrinsecamente menos interessante que a metáfora, uma vez que, segundo o autor, aquela “[...] não descobre relações novas e surge apenas entre palavras já relacionadas entre si”. Por outro lado, Ullmann (1964, p. 455) declarou que “[...] uma língua sem metáfora e sem metonímia é inconcebível: estas duas forças são inerentes à estrutura básica da fala humana”.

Dessa forma, a metonímia é tradicionalmente definida na literatura sobre o tema como um fenômeno semântico em que ocorre um deslocamento do significado, no qual uma palavra usualmente utilizada para designar uma entidade passa a designar outra.

Numa perspectiva de base cognitiva, Jakobson (1973) reconhece tanto as metáforas, quanto as metonímias como processos cognitivos. Ao discorrer sobre as afasias da linguagem, o autor reconhece que as variedades de afasias se situam entre dois polos que manifestam os fenômenos da metáfora e da metonímia, respectivamente: distúrbio da similaridade e distúrbio da contiguidade.

Nessa perspectiva, a metáfora estabelece uma relação de caráter associativo e a metonímia, uma relação de contiguidade, no sentido de proximidade ou adjacência. Ao utilizarmos metáforas e metonímias estamos observando as relações daquele modo específico e não de outro.

De acordo com Lakoff e Johnson (1980):

Metáfora e metonímia são diferentes tipos de processos. A metáfora é principalmente um modo de conceber uma coisa em termos de outra, e sua função principal é a compreensão. A metonímia, por outro lado, tem principalmente uma função referencial, ou seja, nos permite usar uma entidade para *representar* outra. Mas a metonímia não é meramente um recurso referencial. Ele também tem a função de propiciar o entendimento¹¹ (Lakoff; Johnson, 1980, p. 36 – destaques do autor, tradução nossa).

¹¹ Metaphor and metonymy are different kinds of processes. Metaphor is principally a way of conceiving of one thing in terms of another, and its primary function is understanding. Metonymy, on the other hand, has primarily

Os autores supracitados destacam a função primordialmente referencial da metonímia, sem, no entanto, deixarem de reconhecer a importância da metonímia para a compreensão. Tal como a metáfora, a metonímia atua diretamente na maneira como compreendemos, pensamos e agimos no mundo.

Metáforas e metonímias não são, nessa perspectiva, ocorrências casuais e aleatórias no nosso cotidiano, mas sim, configuram processos sistemáticos de organização de nossos pensamentos e ações no mundo. Sendo assim, a realização de metáforas ocorre a partir das experiências de realidade, bem como a realização das metonímias ocorre dentro de relações já estabelecidas socialmente (Lakoff; Johnson, 1980).

Lakoff e Johnson (1980) consideram tanto a metáfora quanto a metonímia como processos cognitivos que se diferenciam pelo número de domínios de cada um. A metáfora teria a presença de dois domínios distintos, enquanto a metonímia teria apenas um domínio¹². Essa perspectiva contempla a noção tradicional da metonímia no sentido de que as relações como parte/todo, matéria/objeto, causa/efeito, autor/obra, continente/conteúdo, dentre outras, são relações que ocorrem em um mesmo domínio.

É possível observar que nos estudos em Semântica Cognitiva não há distinção entre a metáfora e a metonímia no sentido de se estabelecer uma ideia de superioridade de uma em relação à outra, pelo contrário, metáfora e metonímia são vistas como processos particulares que trabalham no mesmo nível cognitivo.

Diante disso, a seguir serão apresentados alguns exemplos de topônimos em *Parkatêjê* que estabelecem relações metafóricas e metonímicas, analisados da perspectiva da semântica cultural e cognitiva. As relações metafóricas e metonímicas nos nomes próprios de lugar demonstram interessantes aspectos reveladores da cultura e visão de mundo dos grupos *Parkatêjê*, *Kyikatêjê* e *Akratikatêjê*. Nesse sentido os topônimos tradicionais constituem um patrimônio imaterial desses grupos, carregando um conhecimento ameaçado de desaparecimento.

Alguns destes são apresentados:

(6) **Prỳkati**

a referential function, that is, it allows us to use one entity *to stand for* another. But metonymy is not merely a referential device. It also serves the function of providing understanding (Lakoff; Johnson, 1980, p. 36 – destaques do autor).

¹² Conforme Berber Sardinha (2007, p. 31), por domínio entende-se a “área do conhecimento ou experiências humana”.

PRÿ KATI
CAMINHO GRANDE

‘BR-222’ lit. ‘caminho grande’

De acordo com os colaboradores *Parkatêjê*, ‘*Prykati*’ é como eles denominam na língua tradicional a Rodovia BR-222, que corta a Terra Indígena Mãe Maria. Na percepção dos indígenas a rodovia é um ‘caminho grande’, de modo que o topônimo em *Parkatêjê* apresenta uma formação neológica que nomeia uma transformação no espaço indígena inserida pelo contexto do contato com a sociedade envolvente. A rodovia passou a fazer parte dos lugares reconhecidos pelos habitantes da reserva indígena e recebeu um nome toponímico referente a ela.

(7) **Krĩkati**

KRĨ KATI
ALDEIA GRANDE

‘Capital/Belém’ lit. ‘Aldeia grande’

O topônimo utilizado pelos *Parkatêjê* para se referirem à cidade de Belém, capital do estado do Pará, no norte do Brasil é ‘*Krĩkati*’. De acordo com os colaboradores “*Belém mesmo nós chama Krĩkati [...] Que é grande, maior que Marabá né? Quando o kupẽ fala assim: ‘é nossa capital’. Aí nós fala assim: ‘kupẽ chama nossa capital e nós chama mpa jõkrĩkati’: é nossa capital*”. Dessa forma, o topônimo na língua tradicional é formado a partir da comparação da cidade de Belém, uma cidade grande e capital do estado, com uma “aldeia grande” e central na percepção indígena.

(8) **Axunjõprÿ**

AXUN JÕ PRÿ
SAÚVA POSSE CAMINHO/ESTRADA

‘Estrada de Ferro Carajás’ lit ‘Caminho/estrada da saúva’

O topônimo ‘*Axunjõprÿ*’ é o nome dados pelos *Parkatêjê* para a Estrada de Ferro Carajás¹³ que passa dentro do seu território. A constituição do topônimo apresenta uma formação metafórica por meio da comparação do caminho feito pelas formigas saúvas com a estrada de ferro que foi agressivamente inserida no ambiente dos indígenas e resultou em mais

¹³ Ferrovia construída no início dos anos de 1980 que pertence a atual Companhia Vale do Rio Doce.

transformações no seu território. Na explicação do colaborador a estrada de ferro “*Parece com a trilha da saúva. Vocês conhecem saúva. A estrada dela é limpinho. Aí nos chama Axunjõprý, parece com a estrada da saúva, a de ferro né?*” Além disso, há também o sentido de destruição que essa estrada carrega, no meio da mata e da reserva indígena da comunidade.

(9) **Pyti**

PY TI
URUCUM SUFIXO QUANT¹⁴

‘Rio Tocantins’ lit. ‘Muito urucum’

‘Pyti’ é o topônimo registrado na língua *Parkatêjê* para o Rio Tocantins. Literalmente, ‘Pyti’ significa ‘Muito urucum’ e faz referência a um evento mitológico que rememora a criação do mundo para o povo. Segundo o colaborador: “*Diz que assim que começou o mundo, o índio né, aí acharam muito urucum, aí diz que amassaram. Aí todo mundo amassou o urucum, aí jogaram no rio [...]. Então por isso que ficou Pyti, o rio Tocantins. Os caboclos jogaram o urucum no rio, diz que todo mundo amassando urucum. Aí por isso que ficou esse nome*”.

O colaborador afirmou ouvir essa história de seus parentes mais velhos, entre os quais o antigo chefe *Parkatêjê Krohôkrenhum*. Por se tratar de uma explicação mítica, transmitida oralmente, é possível encontrar variações de versões entre as gerações. Araújo (2016, p. 303) apresenta um registro do topônimo ‘Pyti’, o explicando da seguinte forma: “*crianças pintadas de urucu ficavam banhando no rio, por isso suas águas são barrentas, avermelhadas*”. De fato, o Rio Tocantins, em alguns períodos do ano ganha tons avermelhados.

Dessa forma, é possível entender a atribuição do topônimo relacionada ao fato de haver urucum nas águas do rio, que adquiriu mitologicamente a cor típica desse fruto amplamente utilizado na cultura *Parkatêjê*. Observa-se a relação de comparação metafórica na constituição do topônimo.

Alguns exemplos de topônimos em *Parkatêjê* constituídos por relações metonímicas são:

- (10) **Akrãtikatêjê**
AKRÁTI-KATÊ JÊ
MONTANHA-AGENT GRUPO
‘Povo da montanha’
- (11) **Kyikatêjê**
KÏI-KATÊ JÊ

¹⁴ Sufixo derivacional com função quantificadora.

MONTANTE-AGENT GRUPO
PARTE SUPERIOR

- (12) ‘Povo da montante’
Parkatêjê ‘Povo da jusante’
PAR-KATÊ JÊ
JUSANTE/-AGENT GRUPO
PARTE INFERIOR

‘Povo da jusante’

Os topônimos acima nomeiam aldeias novas que rememoram os territórios em que os grupos indígenas *Akrãtikatêjê*, *Kyikatêjê* e *Parkatêjê* exerciciam domínio de suas trajetórias territoriais. *Kyikatêjê* foi o grupo que se refugiou à montante do rio Tocantins, enquanto os *Parkatêjê* permaneceram à jusante do mesmo rio. Já os *Akrãtikatêjê* estavam em uma região montanhosa, às proximidades do Rio Capim, por isso ficaram conhecidos como ‘povo da montanha’.

Nos casos supramencionados é possível observar relações metonímicas, isto é, de contiguidade ou aproximação de sentido, quando no lugar de explicitar “povo que vive/mora...” no local X, ocorre um apagamento do verbo, dando ênfase apenas ao local onde se vive: “povo da montanha”, “povo da montante”, “povo da jusante” entre outros casos similares em que se usa uma entidade em termos de outra. Essa nomeação revela a importância dos aspectos vinculados à cosmovisão dos grupos e a forma como eles categorizam a realidade linguística ao seu redor.

Ademais, as questões semânticas destacadas reforçam o fato de que os conhecimentos culturais, da natureza, as experiências e as memórias permanecem refletidas nos nomes geográficos, que articulam de diferentes formas, como demonstrado, a visão de mundo dos falantes.

Considerações finais

Estudos sobre nomes próprios de pessoas e de lugares constituem o cerne do interesse da Onomástica – área interdisciplinar que reúne informações de inúmeras disciplinas como a geografia, a história e outras afins.

A pesquisa que fundamentou o presente artigo foi realizada em momentos distintos em área indígena, tendo exigido de nós a compreensão de uma parcela do universo cultural dos *parkatêjê* bem interessante, uma vez que a descrição dos nomes pessoais e de lugares está

relacionada a aspectos da sociologia, antropologia, história do povo em questão, entre tantos outros

Os nomes de lugares coletados no campo do universo toponímico, destacados na pesquisa, considerou as denominações de ‘aldeias velhas’, ‘aldeias novas’, caminhos, acampamentos de caça, cidades e rios/igarapés/córrego, os quais comportam-se em sua maioria como descritivos associativos, principalmente se relacionados ao contexto imediato de percepção do ambiente, de modo a fazer referência/associação a elementos da natureza presentes nos locais nomeados.

Além disso, os topônimos constituídos por meio de relações metafóricas e metonímicas demonstram interessantes aspectos reveladores da cultura e visão de mundo dos grupos *Parkatêjê*, *Kyikatêjê* e *Akrātikatêjê*. Como parte do conhecimento linguístico geral de uma língua minoritária e, em particular dos estudos onomásticos de grupos indígenas, os topônimos *Parkatêjê* constituem um patrimônio imaterial, carregando significados ameaçados de desaparecimento.

Referências

- ANDRADE, Karylleila Santos. *Atlas Toponímico de origem indígena do Estado do Tocantins – Projeto ATITO*. Goiás: PUC, 2006.
- ANDRADE, Karylleila dos Santos. Aspectos identitários e culturais na formação dos nomes de lugares: um estudo sob a ótica da geografia cultural e humanista. *Revista Desafios*, Palmas, v. 04, n.1, p. 141-151, 2017. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2359-3652.2017v4n1p141>. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/3344>. Acesso: 18 jun. 2023.
- ARAÚJO, Leopoldina Maria Souza de. *Dicionário Parkatêjê-Português*. Belém: Edição da autora, 2016. 312 p.
- BERBER SARDINHA, Tony. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Aspectos de etnolinguística – a toponímia carioca e paulistana – Contrastes e confrontos. *Revista USP*, São Paulo, n. 56, p. 180-191, 2002-2003. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i56p180-191>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33820>. Acesso em: 22 mar. 2023.
- FERRAREZI JR., Celso. *Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- FERRAREZI JR., Celso. Metáfora e função de registro: a visão de mundo do falante e sua interferência nas línguas naturais. *Revista Linha D'água*, São Paulo, n. 25, p. 67-82, 2012. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v25i1p67-86>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37368>. Acesso em: 26 nov. 2019.

- FERRAREZI JR., Celso. *Semântica*. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- FERRAZ, Iara. *De “Gaviões” à “Comunidade Parkatêjê”*: uma reflexão sobre o processo de reorganização social. 1998. 212f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. *Estudo morfossintático da língua parkatêjê*. 2003. 276f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- JÕPAIPARE, Toprãmre Krôhòkrenhũm. *Me ikwỳ tekjê ri*: isto pertence ao meu povo. 1. ed. Marabá: Gknoronha, 2011.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago and London: The University of Chicago, 1980.
- LIMA, Paula Lens Costa; GIBBS JR., Raymond; FRANÇOZO, Edson. Emergência e natureza da metáfora primária. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 40, p. 107-140, 2001. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v40i0.8637123>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637123>. Acesso em: 23 de fev. 2024.
- LOPES, Tereza Tayná Coutinho. *Toponímia Parkatêjê (Timbira)*: um estudo sobre os nomes próprios de lugar. 2022. 246f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.
- NIMUENDAJÚ, Curt. The eastern Timbira. *American Archaeology and Ethnology*, v. 41, 1946.
- NIMUENDAJÚ, Curt. *Etnografia e indigenismo*: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará. Campinas, Editora da Unicamp, 1993.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Línguas brasileiras*: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.
- SALAZAR-QUIJADA, Adolfo. *La toponímia em Venezuela*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1985.
- SOUSA, Alexandre Melo de. *Língua, cultura e sociedade*: a toponímia acreana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.
- STEWART, George. A Classification of Place Names. *Names*, v. 2, n. 1, p. 1-13, 1954. DOI: <https://doi.org/10.1179/nam.1954.2.1.1>. Disponível em: <https://ans-names.pitt.edu/ans/article/view/55>. Acesso em: 22 jun. 2023.
- ULLMANN, Stephen. *Semântica*: uma introdução à ciência do significado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

Recebido em 14 de novembro de 2023
Aceito em 09 de março de 2024